

PARTILHA DA ÁSIA (1850-1914)

1) Domínio Inglês sobre a Índia

1.1. Trajetória da Ocupação Inglesa na Índia

O comércio inglês com a Índia começou a ser feito em 1600, quando a Rainha Elizabeth I garantiu direitos à Companhia Britânica das Índias Orientais de explorar este mercado. Em 1608 as primeiras missões comerciais chegaram ao subcontinente indiano, e com isso os ingleses foram obrigados a combater Portugal, que exercia hegemonia na região desde o século XVI. Os portugueses foram vencidos, e os comerciantes ingleses passaram a ter a preferência comercial junto aos governantes indianos.

*Em 1670, Companhia obteve do governo inglês o direito de adquirir territórios em seu nome, organizar exército próprio na Índia, cunhar sua própria moeda nos territórios controlados, e exercer o poder de justiça. A Companhia Britânica das Índias Orientais tornava-se **quase um governo paralelo dentro da Índia.***

O primeiro passo dos britânicos para transformar a Índia em uma colônia sob controle direto da Inglaterra foi dado pela própria Companhia, que invadiu a região de Bengala (1775), transformando-a em protetorado inglês. As riquezas da região e o comércio foram monopolizados pela Inglaterra.

1.2. A formação do Raj Britânico

O Raj Britânico foi o nome que recebeu o conjunto de colônias inglesas que ia desde a Índia até parte da Indochina (atuais Paquistão, Índia, Bangladesh e Myanmar). Em 1773, foi criado o cargo de Governador Geral (Vice-rei) da Índia, nomeado pelo governo inglês, e que supervisionava as ações da Companhia Britânica das Índias Orientais. Ou seja, o controle sobre a Índia deixava de ser exercido somente por uma companhia privada, e passava a ter a influência direta do governo britânico.

Ao longo do século XIX, os Vice-Reis da Índia expandiram o controle colonial sobre vastas áreas do subcontinente, tendo acabado com toda a influência exercida pela França.

1.3. “Guerra de Libertação” ou “Guerra dos Sipaiois” (1857-1859)

Em 1857, o Exército Britânico Indiano (conhecidos como os “sipaiois”) se rebelam no norte da Índia contra o domínio inglês. Muitos regimentos nativos e reinos indianos ficam ao lado dos britânicos, mas muitos outros juram lealdade aos sipaiois. A revolta era resultado da insuportável opressão provocada pelo domínio britânico em toda a Índia, que chegara ao limite em 1857, após inúmeras repressões a movimentos de protesto por parte dos ingleses.

A revolta foi precipitada quando o Vice-Rei da Índia ordenou que todos os reinos indianos nos quais seu governante morresse e não deixasse herdeiros, deveria se tornar território da Companhia Britânica das Índias Orientais. Ocorre que entre a nobreza indiana, era costume religioso e político a prática de adoção, o que permitia que sempre houvesse um governante disponível.

Com essa doutrina, a Companhia havia confiscado um número amplo de territórios antes governados pela nobreza indiana.

Os revoltosos começaram tendo a superioridade, mas foram vencidos pelos ingleses, que tinham melhor organização e contaram com a ajuda de muitos outros regimentos militares indianos e nobres que não concordavam com a revolta. Certamente este foi o primeiro movimento de independência da Índia.

Com o final da guerra, a Companhia Britânica das Índias Orientais foi dissolvida. O governo britânico passou a governar diretamente a Índia. A Rainha Vitória prometeu igualdade de direitos para os indianos após a revolta, mas pouco foi realmente implementado.

2) A Partilha da China

2.1. Breve panorama da China Imperial

Em meados do século XIX, a China era um império dominado pela Dinastia Qing (清朝), originária do norte do território, da região conhecida como Manchúria. A etnia manchu era vista pela maioria das demais etnias chinesas como um “povo estrangeiro”, e isto tornava os imperadores Qing mal vistos pela população, que considerava seu poder ilegítimo.

A economia chinesa funcionava tendo como eixo central a relação entre Estado e aldeias. As aldeias pagavam tributos ao Estado, que financiava a construção de obras hidráulicas (irrigação para a agricultura, em especial).

O comércio com o exterior era monopolizado pela Sociedade do Co-Hong (guilda de mercadores), sediada na cidade de Cantão. Este era o único porto autorizado a efetuar trocas com povos estrangeiros.

2.2. As Guerras do Ópio (1840-1842 / 1856-1858)

A Inglaterra cultivava o ópio (droga comum no século XIX) nas terras da Índia, e tinha como principal mercado consumidor a população chinesa. Ocorre que os ingleses eram obrigados a negociar a venda do ópio com os mercadores do Co-Hong, o que limitava seus lucros e suas possibilidades de acesso amplo ao mercado chinês.

Desta forma, o Estado Inglês buscava uma maneira de abrir os portos chineses ao comércio com a Inglaterra, permitindo assim auferir ainda mais lucros com a venda do ópio.

O Império Chinês decidiu que a venda de ópio vinha causando malefícios em demasia, e demandaram o fim do comércio da droga por parte da Inglaterra. Foi imposta a pena de morte aos traficantes de drogas em território chinês, e isso envolvia evidentemente a execução de cidadãos ingleses.

Diante da resistência do governo imperial chinês, a Inglaterra decide garantir seus interesses através da força armada, enviando uma expedição militar para Cantão, o que provocou a chamada Guerra do Ópio (1840-1842). Nesta época os chineses não tinham acesso a armas e equipamentos modernos, e não foram páreo para os mosquetes e canhões ingleses. Desta forma, a Inglaterra vence a guerra, e a paz é estabelecida através do Tratado de Nanking.

O Tratado de Nanking (南京條約) era um “tratado desigual” assim como aqueles que seriam praticados pelos Estados Unidos no Japão após 1853. Ele estabelecia a abertura de cinco portos para o comércio com a Inglaterra, bem como passava o porto de Hong Kong para o controle inglês. Previa ainda uma indenização de guerra, a ser paga pelos chineses para reparar os custos envolvendo a expedição naval. Além disso, o tratado cancelava o monopólio exercido pela Sociedade do Co-Hong. Além de tudo, assegurava o princípio da extraterritorialidade para os cidadãos ingleses.

Após o Tratado de Nanking, os Estados Unidos e a França conseguem assinar tratados semelhantes, estabelecendo seus interesses em território chinês.

À primeira Guerra do Ópio seguiu-se a Segunda Guerra do Ópio (1856-1858), que envolveu a aliança entre Inglaterra e França, bem como o apoio indireto dos Estados Unidos e da Rússia.

Estas duas guerras resultaram no Tratado de Tienstin (1858), que garantia a abertura de 11 portos aos ocidentais.

Os russos, por sua vez, que tinham interesses territoriais e militares na região, utilizaram a derrota chinesa para dominar o porto de Vladivostok (1860) obtendo finalmente uma saída para mares quentes, através do Pacífico.

2.3. A Revolta dos Taiping (1851-1864)

Contra a “intromissão dos estrangeiros”, o movimento Taiping empreendeu uma longa revolta que durou mais de uma década. Hong Xiuquan, um chinês convertido ao cristianismo, pretendia fundar o Reino Celestial da Perfeita Paz (太平天國), ou Reino Celestial de Taiping.

Os revoltosos defendiam as idéias cristãs contra o confucionismo chinês, e demonstravam profundo ódio em relação aos estrangeiros, especialmente contra os manchus, etnia da qual provinham os Imperadores Qing.

Lutando com pouca artilharia, basicamente com pequenas armas, o exército rebelde de Taiping chegou a contar com 1 milhão de combatentes em 1856, inclusive mulheres.

Ao estabelecerem o Reino Celestial da Paz Perfeita, no território da Província de Guangxi, os Taiping substituíram o sistema filosófico confucionista pela leitura da bíblia sagrada cristã. A propriedade privada foi abolida, o calendário solar foi substituído pelo calendário lunar, e cunharam moedas próprias.

A repressão aos Taiping foi fatal a partir de 1860, quando tropas do Governo Imperial Chinês, auxiliadas pelas potências européias, esmagaram o movimento.

2.3.A Guerra Sino-Japonesa (1894-1895)

Após as tentativas dos Taiping de expulsarem os estrangeiros europeus e manchus do território da China, é a vez do Japão, modernizado pela Restauração Meiji, iniciar suas atividades como potência imperialista. O Império Japonês tinha interesse em ocupar a Coréia (área de influência chinesa, rica em minerais) e a Manchúria (dentro do território chinês, plena de terras férteis). Sendo assim, mobilizou suas tropas e navios de guerra para retirar os chineses que estavam sediados em território coreano, o que foi feito sem dificuldades.

Em 1895 a China havia sido completamente derrotada pelas forças armadas japonesas, com um poder avassalador perante os países asiáticos vizinhos. Nesta mesma data foi assinado o Tratado de Shimonoseki (下関条約, Shimonoseki Jōyaku) (1895) que estabelecia os seguintes pontos:

A Coréia estaria fora da área de influência chinesa, e passaria portanto a ser diretamente influenciada pelo Japão. Somente em 1910 os japoneses anexariam a Coréia na condição de colônia.

Os japoneses ganham o controle de Taiwan, bem como da Província de Liao-Tung, onde se localizava Porto Arthur, importante localidade ambicionada pelos russos.

Na medida em que o Japão tomou controle de Porto Arthur e da Manchúria, a Rússia, apoiada pela França, exige o recuo japonês, alegando desequilíbrio de poder na região. O Imperador do Japão é pressionado pelas principais potências européias a respeito de sua atitude, e resolve devolver Porto Arthur para a China.

Imediatamente os Russos aproveitam a chance para posicionar suas tropas sobre a Manchúria e ocupar Porto Arthur, apesar dos protestos da China. Além disso, os Russos começaram a mobilizar suas tropas para ameaçar os japoneses na Coréia.

Ficava clara a crescente rivalidade entre Rússia e Japão, que disputavam a hegemonia militar sobre o Extremo Oriente.

Os Estados Unidos protestam contra a posição dos Russos e dos Japoneses, alegando que a China deveria manter “portas abertas” para todas as nações industriais, e que uma política de exclusividade de qualquer nação sobre o território chinês redundaria em tensão diplomática.

Após o protesto americano, inicia-se o break-up da China, cujo litoral é repartido em áreas de influência das principais potências européias.

2.4. A Revolta dos Boxers (1900-1901)

Mais uma vez o nacionalismo chinês irá irromper em uma revolta contra o elemento estrangeiro. A Sociedade dos Punhos da Justa Harmonia (義和拳) (chamados de “Boxers” pelos ingleses), grupo de revolucionários chineses, irá se pronunciar contra o governo imperial manchu e contra a ocupação americana e europeia em 1899. Mais tarde, entretanto (1900), os Boxers se reconciliaram com a Dinastia Qing, e moveram sua luta exclusivamente contra os europeus, norte-americanos e japoneses, promovendo atentados por toda a China.

Como represália, e temerosos de perder suas posições conquistadas na China, as oito principais potências estrangeiras com interesses na região (Rússia, Japão, Alemanha, Áustria-Hungria, Estados Unidos, França, Inglaterra e Itália) unem-se na formação de uma exército internacional com o intuito de reprimir a revolta. Foi a chamada Aliança das Oito Nações (八國聯軍)

Após a Revolta dos Boxers, a Rússia expandiu ainda mais seu controle sobre a Manchúria, claramente decidida em se estabelecer como potência hegemônica na Ásia oriental. Os protestos das demais potências serão veementes, denunciando a “quebra de protocolo” por parte dos Russos.

2.5. A Guerra Russo-Japonesa (1904-1905)

Ultrapassado com a ação russa na Manchúria e em Porto Arthur, e sua crescente tentativa de expandir controle sobre a Ásia oriental, o Japão enviou um ultimato ao Czar da Rússia, demandando a retirada de suas tropas da região.

Diante da negativa do Czar, a marinha de guerra japonesa lança um severo ataque contra as forças russas em Porto Arthur (1904), e em seguida, desembarca tropas na Coreia, conquistando Seul. Em seqüência, invadem o norte da China, desalojando os russos da Manchúria. A guerra termina em 1905, com a conquista de Porto Arthur pelo Exército Japonês.

A paz foi mediada pelo presidente Theodore Roosevelt dos Estados Unidos. Pelo Tratado de Portsmouth (1905), a Rússia entregava a parte sul das Ilhas Sacalinas ao Japão, bem como Porto Arthur e as terras outrora conquistadas na Manchúria. Ainda, a Rússia reconhecia a Coreia como área de influência japonesa.

Em resumo, a derrota russa foi extremamente degradante para o orgulho e prestígio da “velha potência europeia”, na medida em que foi derrotada por um povo asiático. Na mentalidade das elites europeias, que acreditavam em sua “superioridade natural” perante outras “raças”, a vitória japonesa parecia desafiadora. De fato, após a vitória em 1905, o Japão irá se projetar como potência imperialista, e será cada vez mais reconhecido como tal pelos seus pares europeus, e em especial pelos Estados Unidos, na medida em que disputarão o controle do Pacífico ao longo das primeiras décadas do século XX.